

Atividade econômica argentina cresceu 4,4% no ano passado

Prévia do PIB mostrou resultado melhor do que o estimado pelo mercado

BRUNO AMARAL

Grças ao setor agrícola, que compensou com seu bom desempenho a queda registrada em outros setores, a economia argentina cresceu 4,4% no ano passado. O resultado foi melhor do que o esperado pelo mercado, embora abaixo dos 4,5% projetados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e dos 5% estimados no Orçamento para este ano.

O resultado foi divulgado ontem pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos (Indec) no Relatório Mensal de Atividade Econômica (Emae), índice considerado uma prévia do Produto Interno Bruto (PIB). Em dezembro, houve forte avanço de 1,8% em relação a novembro, e de 3,5% na comparação com o mesmo mês de 2024. No entanto, é importante lembrar que os dados são pro-



No campo, trigo puxou o crescimento de 32% do setor agrícola argentino

visórios. No próximo dia 20 de março será publicado o relatório preliminar do nível de atividade correspondente ao quarto trimestre de 2025.

Os números foram comemorados pelo governo. O ministro da Economia, Luis Caputo, destacou o crescimento acumulado e o mensal em sua conta na rede social X. "Apesar da incerteza eleitoral que

ocorreu durante o segundo semestre do ano passado, a solidez dos fundamentos econômicos baseados no superávit fiscal, na ordem monetária e na recapitalização do Banco Central da Argentina permitiu sustentar o crescimento econômico durante o segundo semestre de 2025", afirmou.

Dos setores que compõem o indicador, 11 apresentaram al-

ta na comparação anual. O principal destaque foi agricultura, pecuária, caça e silvicultura, que cresceu 32%, impulsionado pela produção recorde de trigo. Por outro lado, a indústria de transformação recuou 3,9%, e comércio atacadista e varejista recuou 1,3%.

— Depois de dois meses em que a economia teve desempenho abaixo do esperado, dezembro foi muito forte. Claramente, a atividade agrícola ajudou bastante — disse Maria Castiglioni, diretora da C&T Asesores Económicos, consultoria com sede em Buenos Aires.

Os mercados argentinos recuaram antes da eleição nacional de outubro, à medida que investidores apostavam em mais um revés. A maioria dos setores acelerou a produção no terceiro trimestre para se antecipar a uma temida desvalorização pós-eleitoral, o que desacelerou a atividade econômica em outubro e novembro.

— A indústria manufatureira ainda está sofrendo impacto. O lado positivo é que o ciclo agrícola é independente da eleição — afirmou Sebastian Menescaldi, diretor da consultoria local EcoGo.

Ibovespa bate 13º recorde, e dólar recua a R\$ 5,15

Nova tarifa de Trump eleva fluxo estrangeiro para emergentes, beneficiando câmbio e Bolsa aqui

ROBERTO MALFACINI JR.
roberto.junior@folha.com.br

O dólar comercial recuou ontem 0,26% e encerrou a R\$ 5,15, a menor cotação desde 28 de maio de 2024. Já o Ibovespa fechou em nível recorde pela 13ª vez este ano, aos 191.490 pontos, após alta de 1,40%. Ambos os movimentos foram impulsionados pelo forte fluxo de capital estrangeiro para o Brasil.

Até o momento, somente em 2026, mais de R\$ 35,57 bilhões foram investidos na Bolsa brasileira. Segundo especialistas, as novas tarifas globais anunciadas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que entraram em vigor ontem, vêm dando impulso a esse movimento.

As incertezas geradas pelas medidas tendem a enfraquecer a moeda americana,

o que aumenta a expectativa de cortes de juros nos EUA e incentiva investidores a buscar mercados mais rentáveis. Pesa ainda o recente aumento das tensões entre Irã e Estados Unidos.

— Neste cenário, o Brasil aparece como um dos destinos mais seguros entre os emergentes, na comparação com África do Sul, Turquia e México. Um dos principais fatores é a taxa de juros elevada, que, mesmo com previsão de cortes, deve permanecer alta e atrativa — afirma Josias Bento, sócio da GT Capital.

A Taxa Selic está hoje em 15% ao ano. Espera-se um corte de ao menos 0,25 ponto percentual no mês que vem.

— Esse movimento tende a se manter no exterior nos próximos dias — afirma Luciano Costa, economista-chefe da Monte Bravo.